



PREFEITURA DE
CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 **Mais
Ciência**

Trajetória de vida e lutas das lideranças negras de Campos dos Goytacazes

Orientador: Luane Bento dos Santos

Bolsista: Kethellen de Sousa Cruz

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2026





SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DA LITERATURA	10
MATERIAIS E MÉTODOS	13
RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

RESUMO

Neste relatório apresentamos e descrevemos as atividades realizadas durante os anos de 2025 e 2026 no âmbito do projeto de iniciação científica “Trajetórias de Vidas e Lutas das Lideranças Negras de Campos dos Goytacazes”. O projeto é financiado pelo edital Mais Ciência/2025 da Prefeitura de Campos dos Goytacazes (RJ). O projeto é coordenado pela pesquisadora, Luane Bento dos Santos, docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense e conta também com a participação de três estudantes voluntários e uma bolsista do curso de bacharelado em Ciências Sociais. Neste relatório, trazemos uma breve revisão de literatura acerca das perspectivas teóricas que conceituam o movimento negro no Brasil. Além disso, abordamos o processo de fundamentação teórica weberiana que foi usado para construir os roteiros das entrevistas semiestruturadas. Ainda utilizamos como recurso ilustrativo as fotografias que foram realizadas durante o trabalho de campo. Apresentamos as ações educativas que foram realizadas no contexto do projeto, tais como a exposição itinerante “Pessoas negras brasileiras que você precisa conhecer!” e que tem sido exibida em várias instituições de ensino da cidade de Campos dos Goytacazes. Tratamos da palestra ministrada na Escola Técnica Estadual João Barcelos Martins/ FAETEC no ano de 2026. Analisamos os episódios de racismo e discriminação racial relatados pelas lideranças negras, bem como o enfrentamento e combate a tais práticas e dissertamos sobre as ações políticas e culturais do movimento negro campista em suas diversidade geracional, política e cultural.

Palavras-chaves: Movimento Negro; Lideranças Negras; Ciências Sociais; Relações Raciais; Campos dos Goytacazes

INTRODUÇÃO

Inserido no campo da educação, da redução das desigualdades e da justiça social, este projeto de iniciação científica tem como objetivo investigar as trajetórias de vida das lideranças negras em Campos dos Goytacazes, contribuindo para o mapeamento de indivíduos vinculados a organizações dos movimentos negros da cidade que atuam ou já atuaram no enfrentamento das discriminações e das desigualdades raciais, criando estratégias para dialogar com instituições governamentais e reivindicar políticas públicas voltadas à inclusão, a equidade racial e a promoção da cidadania.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, foram realizadas entrevistas com as lideranças negras do município de Campos dos Goytacazes, o que nos permitiu realizar uma análise sobre os processos de formação das pessoas negras enquanto lideranças comunitárias comprometidas com a defesa dos direitos da população negra e atuantes em atividades de combate a discriminação e a desigualdade racial. Além disso, conhecer as trajetórias educacionais, sociais, culturais e políticas desses indivíduos tem sido fundamental para a compreensão da dinâmica de formação de um indivíduo negro como liderança. Outrossim, ressaltam-se outros aspectos como a preservação e manutenção das memórias coletivas das comunidades negras.

Na cidade de Campos dos Goytacazes existem várias organizações de movimento negro e pelo que observamos essas instituições são, na maioria das vezes, coordenadas por mulheres negras. Um exemplo é o Movimento Preto UFF Campos, sendo um coletivo de alunos de diferentes cursos da Universidade Federal Fluminense onde a sua organização interna é composta majoritariamente por mulheres. De acordo com os integrantes entrevistados para o projeto, Alice Melo e Arthur Henrique dos Santos, o coletivo tem como intuito promover atividades que visam enaltecer tanto as produções acadêmicas quanto as produções culturais realizadas pela população negra, além de oferecer apoio a estudantes que sofrem ataques racistas dentro e fora da universidade. Entre as atividades promovidas pelo coletivo existe o encontro quinzenal para a realização de um grupo de estudos, esse encontro tem como proposta debater obras produzidas por pessoas negras, sejam obras musicais, literárias ou produções audiovisuais e sempre relacionando as discussões teóricas com as vivências pessoais dos frequentadores das reuniões. Os integrantes do coletivo entendem que perspectiva é

fundamental, visto que para pessoas negras muitas das vezes a separação da teoria da prática é incompreensível.

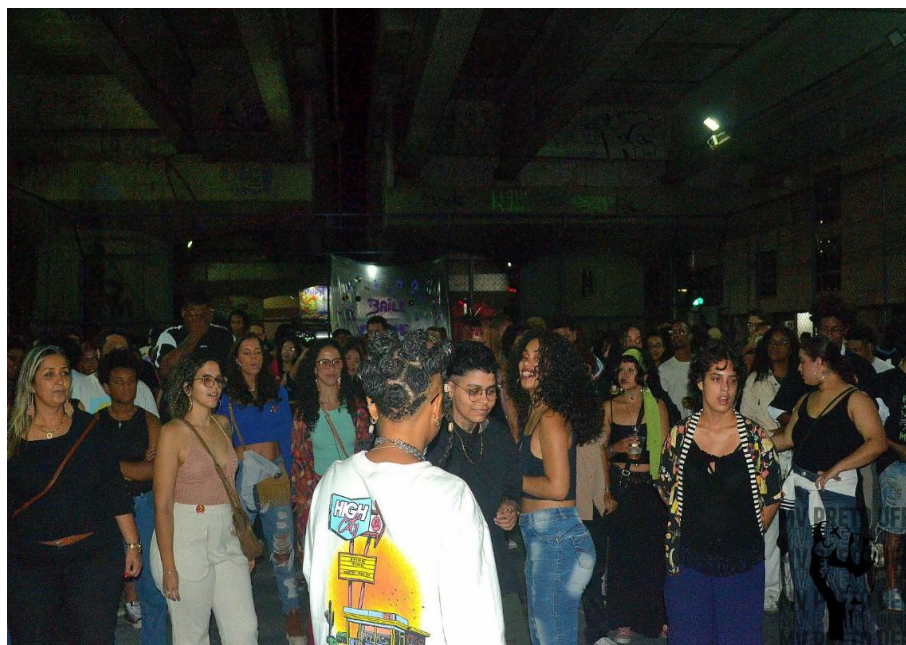
Um dos eventos que é frequentemente realizado pelo coletivo é o baile charme. Este evento já foi realizado na Universidade Federal Fluminense quando estava localizada apenas no pólo da Rua José do Patrocínio. Na atualidade, a instituição tem seu novo pólo localizado na avenida XV de novembro e neste espaço houve algumas edições do baile charme. Cabe mencionar que a edição do baile charme que foi organizada no espaço do Viaduto Spot, local onde acontecem as batalhas de rima promovidas pelo grupo MCR (Movimento Cultural de Rimas) da cidade, foi um evento que reuniu um grande público dos territórios periféricos do município. Abaixo algum as imagens do baile charme e grupo de estudos organizado pelo Movimento Preto UFF

Figura 1: Baile Charme do Movimento Preto - UFF



Fonte: Acervo do MOVIMENTO PRETO UFF – CAMPOS RJ. **4º Baile Charme**. Pixieset. Disponível em: <https://movimentopretouff-camposri.pixieset.com/4bailecharme/>. 2025.

Figura 2. Baile Charme do Movimento Preto -UFF



Fonte: MOVIMENTO PRETO UFF – CAMPOS RJ. **4º Baile Charme**. Pixieset. Disponível em:
<https://movimentopretouff-camposri.pixieset.com/4bailecharme/>, 2025.

Figura 3. Grupos de Estudos do Movimento Preto - UFF



Fonte: Acervo pessoal do Movimento Preto, 2025.

É importante frisar que além do Movimento Preto da UFF que é composto em sua maioria por mulheres, existem outras organizações do movimento negro que também vem a ser coordenadas por mulheres negras. A casa Afroraiz é uma casa de arte e cultura negra no Parque Corrientes . Um espaço no território campista que tem uma proposta de ser independente e ressaltar o protagonismo negro nas artes, nas expressões culturais. Na Casa Afroraiz, todas as obras que estão expostas para a venda foram elaboradas e confeccionadas por pessoas negras da cidade e de municípios vizinhos.

Figura 4. Obras de artes dos artistas negros expostas na Casa Afroraiz



Fonte: Acervo pessoal da bolsista, 2026.

Na casa, frequentemente acontecem rodas de conversa e atividades que tem como objetivo valorizar e reconhecer a produção dos artistas negros, bem como romper com o silenciamento em torno de suas existências, de suas trajetórias. A Casa Afroraiz é coordenada pela cantora, compositora, escritora e produtora cultural Daiane Gomes e pela artesã, fotógrafa e produtora cultural Pamela Correa.

Além do Movimento Preto UFF Campos existe outra representação estudantil que atua dentro e fora da universidade, e tem como uma de suas lideranças uma mulher negra. Durante a entrevista para o podcast “Vida e Lutas Negras¹” a estudante do curso de licenciatura em História da UFF-Campos, Allana Helen Peixoto de Souza, comentou que ela participa de uma organização estudantil conhecida como Levante e que essa organização política é composta em sua maioria por mulheres negras. De acordo com Alana, o Levante Popular da Juventude é uma organização nacional que atua na cidade de Campos dos Goytacazes com o objetivo de promover a politização e a mobilização da juventude periférica e negra em torno dos debates acerca do direito e acesso à educação, participação popular e transformação social.

Ao longo de nossa pesquisa, notamos que o movimento negro se apresenta de diversas formas no município de Campos dos Goytacazes, podendo ser expresso nas inúmeras manifestações culturais, tais como: as roda de jongo, sambas, os reizados, a capoeira, o baile charme, a batalha de rima entre outras, rituais das religiões de matrizes africanas. Eventos que costumam atrair um público diversificado, entretanto, é preciso dizer que as expressões culturais de cunho religioso não costumam despertar a simpatia da sociedade campista. Conforme os dados divulgados pela Comissão de Combate à intolerância Religiosa no Rio/CCIR em parceria com o Ministério Público, o Tribunal de Justiça e a Polícia Civil no ano de 2019, no estado do Rio de Janeiro o município de Campos dos Goytacazes foi um dos que mais teve casos notificados de discriminação motivadas pelo preconceito religioso.

Existem práticas de intolerância religiosa que são recorrentes na cidade, principalmente quando se trata do ambiente escolar. Em relação às práticas de intolerância religiosa no contexto escolar a pesquisa de Lana Lage, Leonardo Silva, Diego Henrique Nascimento, Yann Almeida e Belmont Paula (2015) da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) aponta que a escola é um dos principais espaços públicos onde se manifesta a intolerância religiosa na cidade. De acordo com a análise das entrevistas realizadas pelos pesquisadores:

As escolas também constituem espaço de discriminação, inclusive as públicas. Um adolescente relatou que por estar vestido de branco e portando fios de conta, devido a uma obrigação religiosa, foi agredido verbalmente, tendo que se afastar da escola enquanto durou o preceito.

¹ Disponível em : <https://open.spotify.com/show/2uEWXUmd0v49suRMFwKbf7?si=ab6aafaa024748a4>

Quando voltou, continuou a ser agredido, ficando estigmatizado como “macumbeiro”. Foram, ainda, relatados casos de discriminação no ambiente profissional, acompanhados de frases como: “Isso é coisa de macumbeiro”; “Não vale nada, tinha que ser macumbeiro, né”. Por outro lado, cultos evangélicos são promovidos nesses locais e a recusa a frequentá-los pode resultar em demissão (LAGE; SILVA; NASCIMENTO; ALMEIDA; PAULA, 2015, p. 112).

Esse fenômeno também foi abordado na entrevista com a Rosa Maria Moreira Salles, conhecida também como Mãe Rosa de Xangô ou Yalorixá Obak Ibonã, a sacerdotisa relatou ter sido alvo de comentários ofensivos por parte dos colegas de trabalho, na escola que trabalhava, no período que cumpria seus ritos religiosos, o chamado preceito o santo, momento no qual se vestia todos os dias de branco e portava fios de conta (colares da sua religiosidade) como é a recomendação da tradição religiosa que pratica.

Outro ponto relevante para a discussão são os episódios que levaram a fundação do FRAB, o Fórum de Religiões Afro-brasileiras do Município de Campos dos Goytacazes²², os ataques frequentes às lideranças das religiões de matriz africana, que sofreram ameaças por parte do crime organizado e da população em diferentes partes da cidade onde os templos religiosos funcionavam, obrigando assim a comunidade de terreiro desses locais a se mudarem. Casos como esses evidenciam cada vez mais a importância dos movimentos negros e de compreender a atuação deles para combater as desigualdades e discriminações raciais no município (LIMA; MOLINA; VIEIRA, 2013).

Com tantos conflitos raciais no cotidiano do município, compreender a atuação dos movimentos negros para combater as desigualdades e discriminações raciais é um tema urgente. Neste caminho, o estudo da história de vida das lideranças negras pode apresentar narrativas de resistências, superação, resiliência e novas formas de fazer político que nem sempre estão na tradição sociológica de estudos de participação política como alerta Patrícia Hill Collins (2019) em seu texto “Repensando o ativismo das mulheres negras” a pesquisadora argumenta:

As perspectivas mais populares sobre o ativismo político negro costumam ignorar que a luta pela sobrevivência do grupo é tão importante quanto os

²²O Fórum Municipal de Religiões Afro-brasileiras (FRAB) em Campos dos Goytacazes foi criado coletivamente por lideranças religiosas de matriz africana e militantes dos direitos humanos, destacando-se como co fundadores nomes como a assistente social e militante Manuelli Batista Ramos (Mannu Ramos) e o Babalawô Leo Darmont.

confrontos com o poder institucional. As definições mais comuns de resistência e ativismo político não compreendem o sentido desses conceitos no dia a dia das mulheres negras. A pesquisa em ciências sociais costuma se concentrar nas atividades políticas públicas, oficiais, ou visíveis, ainda que esferas não oficiais, privadas e supostamente invisíveis da vida e da organização social sejam igualmente importantes. Por exemplo, algumas abordagens classistas veem os sindicatos e partidos políticos duas formas de ativismo político tradicionalmente dominadas por homens brancos como mecanismos fundamentais para o ativismo da classe trabalhadora (COLLINS, 2019, p. 330).

Assim, entende-se que o processo de levantamento de informações, documentação e criação de banco de entrevistas contribui não somente para a memória coletiva das organizações, mas para o campo das Ciências Humanas em suas diversas áreas.

REVISÃO DA LITERATURA

Entre os movimentos sociais os movimentos negros ganham uma série de definições, neste projeto de iniciação científica, para conceituação destas organizações usa-se o trabalho de Amílcar Pereira (2013), Ivan Costa Lima (2005), Lélia Gonzalez ([1980], 2022) e Nilma Lino Gomes (2017). Estes autores apontam algumas definições e aspectos políticos, sociais e culturais das organizações negras no Brasil.

De acordo com Pereira (2013, p.147), o movimento negro pode ser definido como movimento social que tem por especificidade a atuação em relação à questão racial. O autor considera que a formação do movimento negro é complexa e engloba um conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições para a população negra. O pesquisador também frisa as práticas políticas culturais, a criação de organizações voltadas excepcionalmente para a ação política, as iniciativas no âmbito da educação e saúde. Adicionalmente, o autor ressalta e caracteriza as três diferentes fases do movimento negro ao longo do século XX:

A primeira, do início do século até o Golpe do Estado Novo, em 1937; a segunda, do período que vai do processo de redemocratização, em meados dos anos 1940, até o Golpe militar de 1964; a terceira, quando o movimento negro contemporâneo surge na década de 1970 e ganha impulso após o início do processo de Abertura política em 1974. A primeira fase teria tido como ápice a criação e consolidação da FBN (Frente Negra Brasileira) como uma força política em âmbito nacional [...] nessa primeira fase, teria como

principais características a busca pela inclusão do negro na sociedade, com um caráter “assimilacionista”, sem a busca pela transformação da ordem social [...] um nacionalismo declarado da Frente Negra Brasileira. Na segunda fase do movimento destacam-se o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias Nascimento em 1944 no Rio de Janeiro, e a União dos Homens de Cor (UHC), criada inicialmente em Porto Alegre, em 1943, mas com ramificações em dez estados da federação. Da mesma forma que na fase anterior, a inclusão da população negra na sociedade brasileira [...] continuava como característica importante do movimento. Mas, por outro lado, a valorização de experiências vindas do exterior, principalmente da África e dos Estados Unidos.[...] A tradição de luta contra o racismo, identificável nas duas fases primeiras do movimento negro brasileiro, foi importante para o surgimento, [...] do movimento negro contemporâneo do Brasil, no início da década de 1970 (PEREIRA, 2013, p.149).

Outro dado a ser considerado é que período da terceira fase do movimento negro é o momento em que aparecem no cenário brasileiro inúmeros movimentos sociais. Estes movimentos têm como objetivo atuar para a consolidação de um sistema democrático. Eles nascem no período de abertura democrática e se colocam como atores e forças sociais. Os movimentos negros emergem no bojo destas manifestações como salienta o sociólogo Ivan Lima (2005):

Um novo impulso é dado ao movimento negro, em virtude do surgimento Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNU), em 1978, na cidade de São Paulo, constituído a partir de uma to de protesto pelas mortes dos trabalhadores Robson Silveira da Luz, em Guaianazes, e de Newton Lourenço, no bairro da Lapa, pela polícia. Essa organização, além dos atos de denúncia, buscou situar que as desigualdades entre negros e brancos não se davam apenas pela luta de classes, assim como indicava importância da questão da educação como uma bandeira prioritária (LIMA, 2005, p. 41).

Lima ainda chama atenção para as práticas educativas que estes movimentos sociais têm criado na sociedade brasileira:

Para além da denúncia do racismo e das desigualdades raciais perpetuadas historicamente nos sistemas de ensino, o movimento negro elaborou propostas pedagógicas e de intervenção, em contraposição a um cotidiano singular e etnocêntrico nos espaços educacionais (LIMA, 2005, p. 42).

Em relação aos aspectos educativos, Nilma Gomes (2017) também observa que o movimento negro brasileiro é um movimento educador porque tem reeducado a sociedade brasileira e por conseguir criar políticas públicas como as ações afirmativas

para a população negra, contribuindo desta maneira para a construção de uma sociedade brasileira senão mais igualitária, no mínimo menos desigual.

Na obra “O lugar de negro” Lélia Gonzalez ([1980], 2022), argumenta que ao longo da história do Brasil houve diversos tipos de organizações culturais e políticas forjadas nas comunidades negras. Gonzalez alerta para a complexidade que é tratar do tema movimento negro “Na verdade, falar do movimento negro implica tratar de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária” (GONZALEZ, 2022, p. 25).

Para a intelectual as organizações negras, seja na esfera cultural ou política ao longo da história do Brasil são respostas comunitárias às diversas práticas de opressão que o sistema capitalista e o colonialismo impôs à população negra. Nesta direção, a proposta de projeto de iniciação científica tem por interesse investigar, através dos depoimentos dos militantes negros e negras de Campos dos Goytacazes, as peculiaridades, variações e características das organizações negras contemporâneas do interior do estado do Rio de Janeiro. Para compreensão, abre-se um espaço para explicar o que vem sendo considerado movimentos negros contemporâneos. De acordo com Pereira (2010), são os movimentos negros que surgem no período ditatorial com a entrada de um pequeno grupo de universitários negros nas universidades públicas.

O regime militar no Brasil também teve um outro lado além da dura repressão política, principalmente durante os chamados “anos de chumbo”, que segundo alguns autores, de uma maneira um tanto contraditória, também teria contribuído para a constituição do movimento negro contemporâneo: o chamado “milagre”, o crescimento econômico que ocorreu durante os “anos de chumbo”, principalmente entre os anos de 1968 e 1973, acabou proporcionando um número relativamente grande de negros nas universidades – se comparando com os anos anteriores – e, consequentemente, disputando postos de trabalho e maior remuneração (PEREIRA, 2010, p. 175).

MATERIAIS E MÉTODOS

Para realização do projeto foi utilizado de roteiros de entrevistas semiestruturadas permitindo que os entrevistados se sentissem confortáveis para compartilhar suas experiências e histórias. Os roteiros foram elaborados considerando os diversos perfis dos militantes e lideranças da cidade, adequados às diferentes áreas

de conhecimento e formas de atuação dos sujeitos entrevistados, seguindo a teoria do modelo de tipos ideais de Max Weber ([1905], 2004), que refere-se a criação de uma realidade onde o pesquisador define um número de características ao objeto de estudo, com a intenção de abarcar todas possibilidades para defini-lo e assim criando um tipo. A ideia de tipos ideais foi usada para classificar os objetos de estudo e com base nisso este conceito tornou-se uma ferramenta de pesquisa, um modelo que nos serve até os dias atuais para analisar a realidade social e em nosso caso os grupos políticos formado pelos indivíduos negros.

Com base neste conceito foram elaborados cinco categorias de roteiros e quando necessário foi feita a fusão de dois roteiros diferentes, afim de abranger todas as formas em que o movimento negro e suas lideranças se apresentam na cidade de Campos dos Goytacazes, as categorias foram: artistas, educadores, expressão/manifestação cultural, comunidades tradicionais e políticos profissionais. A categoria de artistas busca abranger as lideranças negras que estão no campo da música como cantores e compositores, nas artes visuais, sendo os pintores, nas artes ciências, as atrizes e atores dentre outros tipos de artistas. A categoria educadores/as relaciona-se aos profissionais da educação, especificamente aos docentes que trabalham com a efetivação da lei 10.639/2003 (A legislação federal tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio no Brasil). A categoria expressão/manifestação cultural alinha-se às lideranças que promovem eventos voltados à valorização da cultura afro-brasileira e africana. Lideranças que realizam festas, feiras e atividades colaborando para o respeito, combate ao racismo e a valorização das culturas negras na cidade. Na categoria manifestação cultural também está inserido as religiões de matrizes africanas, pois entendemos que além da religiosidade as religiões de matrizes africanas tiveram grande influência no desenvolvimento e na criação das atividades culturais da comunidade negra no passado que prevalecem até os dias de hoje. A categoria das comunidades tradicionais diz respeito às lideranças dos quilombos que existem no município. Já a categoria de política profissional diz respeito às lideranças que atuam direta ou indiretamente com partidos políticos, instituições públicas ou privadas para benefício da população negra da cidade.

Em relação às entrevistas, estas foram gravadas, editadas e publicadas em formato de podcast na plataforma de áudio Spotify intitulado “vidas e lutas negras podcast”. Além da criação do perfil de podcast na plataforma de áudio, também foi criado um perfil do projeto na rede social Instagram (@vidas e lutas negras podcast)

onde foi feito publicação de cards biográficos das lideranças entrevistadas, bem como publicações informativas sobre movimento negro e suas contribuições. Além disso, nesta rede social, divulgamos a exposição itinerante e virtual intitulada “Pessoas negras brasileiras que você precisa conhecer!” que foi inaugurada em novembro de 2025 com objetivo de ser levada para as escolas públicas do município.

Figura 5. Perfil do Instagram do Projeto Trajetórias de Vidas e Lutas das Lideranças Negras de Campos dos Goytacazes



Fonte: VIDA E LUTAS NEGRAS PODCAST. Instagram: @vidaelutasnegraspodcast. Disponível em: <https://www.instagram.com/vidaelutasnegraspodcast/>

Figura 6. Perfil do Podcast na plataforma Spotify



Fonte: VIDA E LUTAS NEGRAS PODCAST. Vida e Lutas Negras Podcast [podcast]. Spotify. Disponível em:

<https://www.instagram.com/vidaelutasnegraspodcast/>

Cabe salientar que a exposição foi desenvolvida como um material didático pedagógico, com o intuito de divulgar as histórias de vida e as realizações das lideranças negras locais e nacionais, contribuindo para a valorização da memória, da identidade e do protagonismo da população negra.

Figura 7. Inauguração da exposição “Pessoas Negras Brasileiras que Você Precisa Conhecer!” na Tenda do Novo Polo da Universidade Federal Fluminense



Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Projetos do Mais Ciência sobre cultura afro-brasileira conectam escola e universidade**. PAE – Programa de Aprendizagem Eficiente, 24 abr. 2026. Disponível em: [PAE – Projetos do Mais Ciência sobre cultura afro-brasileira conectam escola e universidade](#)

Atualmente a equipe do projeto é composta por cinco pessoas: a coordenadora Luane Bento dos Santos, a bolsista Kethellen de Sousa e por três voluntários, a saber: Théo Gregório Barreto, Ana Luiza da Cruz e Kauara Teixeira. As atividades que compõem o projeto são pensadas e realizadas pela equipe, entre essas atividades que já foram realizadas está o planejamento da criação e o design da página do instagram, a curadoria das personalidades que foram homenageadas na exposição, a realização do catálogo virtual e o contato com as lideranças para gravação do podcast.

Para a realização das entrevistas, estabelecemos contato com as lideranças encaminhando uma mensagem padrão pelo aplicativo de mensagens Whatsapp:

“Olá, Boa tarde! Tudo bem? Meu nome é Kethellen, sou estudante da UFF de Campos, faço parte do projeto “Trajetórias de Vidas e Lutas das Lideranças Negras de Campos dos Goytacazes” que é coordenado pela professora Luane Bento dos Santos (Departamento de Ciências Sociais UFF) em colaboração com a Prefeitura no Programa “Mais Ciência”. O projeto surge após percebermos que o município de Campos tem uma certa dificuldade em contar histórias e lutas protagonizadas por pessoas negras, e devido a sua atuação no município pensamos que seria uma honra fazermos histórias como a sua serem contadas e protagonizadas. No presente momento, estamos desenvolvendo a pesquisa em formato de podcast, fazendo assim com que a sua história e muitas outras cheguem aos ouvidos e corações da população de Campos, para não perdermos esse legado da luta e com a expectativa de inspirar as gerações futuras. E gostaríamos muito de lhe convidar para uma entrevista, para nós e a comunidade conhecermos a sua trajetória.”

Vale mencionar que a mensagem encaminhada tem como intenção informar sobre o projeto e despertar o interesse de participação do/a convidado/a.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer das entrevistas com as lideranças negras foi identificado várias conquistas e a criação de vários grupos que lutam em prol dos direitos da comunidade negra na cidade. Entre as muitas conquistas está a criação do FRAB, o Fórum de Religiões Afro-brasileiras do Município de Campos dos Goytacazes, que foi mencionado por uma das entrevistadas, a militante e assistente social Manuelli Batista Ramos. De acordo com seu relato, ela participou da criação junto com a já mencionada, Ialorixá Rosa Maria Moreira Salles e outras lideranças religiosas. Durante a entrevista com Manuelli Batista Ramos, ela nos contou que a criação do FRAB ocorreu devido o aumento dos ataques às religiões de matriz africana na cidade ao longo do ano de 2019, a entrevistada relatou que os praticantes e os adeptos das religiões de matriz africana eram frequentemente ameaçados, muitas das vezes perdiam suas casas, eram agredidos e diante dessas diversas violações algumas lideranças do movimento negro junto com os pais e mães de santo viram a necessidade da criação o fórum de religiões afro-brasileiras. Vale ressaltar que o município de Campos foi o único município que

indenizou a população de terreiro, visto que em muitos casos os templos religiosos dessas pessoas eram em suas casas, e como já mencionado os adeptos às religiões de matriz africana (em especial os pais e mães de santo) perdiam suas casas devido a pressão e ameaça do crime organizado, foi necessário indenizar e criar políticas públicas para acolher essas pessoas que ficariam desabrigadas. O FRAB foi fundamental para essa conquista.

Outro dado relevante a ser mencionado foi identificado durante a entrevista com o militante negro, Leo Zanzi, o militante nos informou sobre a articulação e a criação do coletivo intitulado Frente Campista Antirracista. Este coletivo reuniu várias entidades do movimento negro da cidade, assim indivíduos simpatizantes e aliados a causa. A Frente Campista Antirracista realizou uma série de protestos e atividades de conscientização política após um caso grave de racismo sofrido por uma juíza negra da cidade.

Figura 8. Entrevista realizada com a liderança do Partido dos Trabalhadores Léo Zanzi.



Fonte: Acervo pessoal da bolsista, 2026.

A juíza foi discriminada por um advogado que escreveu na petição do processo trechos ofensivos e de caráter preconceituosos como "magistrada afrodescendente com resquícios de senzala e recalque ou memória celular dos açoites"³. Diante deste fato que foi divulgado pela mídia local e nacional, várias lideranças negras se reuniram em frente a câmara municipal de Campos, a manifestação seguiu para a sede da OAB-RJ da cidade e se encerrou no Liceu de Humanidades de Campos, durante o percurso eram proferidas palavras de ordem que buscavam externar o repúdio dos acontecimentos. É importante constatar que essa manifestação teve influência também pelo veto do ex-prefeito Wladimir Garotinho à Lei Municipal 9.490, de 25 de abril de 2024⁴. Que é relativa ao projeto "Por uma Infância sem Racismo" nas escolas municipais, de autoria do vereador Abdu Neme (PL). O veto gerou uma forte reação de movimentos sociais e entidades locais e em resposta ao veto e as declarações racistas já mencionadas, os coletivos negro, as organizações em defesa dos direitos humanos e algumas lideranças negras da cidade protagonizaram essa manifestação. Foi identificado também o Fórum Municipal de Mulheres Negras de Campos dos Goytacazes, que é um movimento social focado em combater o racismo e as desigualdades, que é coordenado por Zezé Serafim.

Outro momento marcante na história do movimento negro da cidade foi o caso Cassio, que motivou a primeira marcha contra o racismo na cidade de Campos. A pesquisadora Luciane Soares Silva da UENF, explica que a marcha aconteceu da seguinte forma:

A 1ª Caminhada Black, ocorreu semanas antes do Natal e possibilitou a exposição de uma reflexão política em forma de protesto: seriam estes, os grupos "não desejáveis" em determinados espaços da cidade, principalmente em seu tempo livre de lazer e consumo. Por tratar-se de um caso que alcançou repercussão local, problematizar o processo de sua construção, poderá contribuir para as reflexões sobre conflitos sociais e cidadania na cidade de Campos (SILVA, 2013, p. 64- 76).

³ Advogado é investigado por ataque racista contra juíza: 'Resquícios de senzala', escreveu ele em petição <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/03/20/advogado-investigado-racismo-juiza-rj.ghtml>. Fonte: Jornal G1

⁴ Ato antirracista nesta quinta-feira contra veto do prefeito. <https://opinioes.folha1.com.br/2025/04/01/ato-antirracista-nesta-quinta-contraveto-do-prefeito/>. Fonte: Folha1

O caso Cássio é nomeado dessa forma por ter sido o caso de racismo mais comentado da época, o fato foi amplamente discutido na mídia local na época do acontecimento. O caso refere-se a um episódio marcante de acusação infundada e injusta de roubo baseada puramente em preconceito racial, envolvendo um jovem negro em um dia de compras no shopping em seu dia de folga na loja a qual trabalhava que foi erroneamente acusado de ser um assaltante, gerando assim constrangimento ao jovem e os colegas de trabalho que o defenderam das acusações.

A criação de organizações que desempenham papel fundamental no combate e na conscientização de discriminações e desigualdades raciais mostra o quanto é necessário o debate de temas como esse. O movimento negro se configura em diferentes formas na cidade de Campos dos Goytacazes. Por essa razão, foi necessário categorizar os roteiros a partir das noções de tipos ideais como já mencionado. É preciso sempre destacar que, existem inúmeros coletivos, entidades, grupos e indivíduos que propagam a cultura negra na cidade, combatem o racismo e discriminação racial. Neste sentido, e o levantamento das informações e a coleta de dados através das entrevistas tem sido uma forma de divulgar histórias que muitas vezes, como argumenta a escritora, Chimamanda Ngozi Adichie (2019), são invisibilizadas pelo imperativo de uma “história única” que se impõe subalternizado estereotipando e marginalizando a comunidade negra. Um processo que ocorre compulsoriamente nos países que foram colônias e que têm uma elite política que segue moldando os imaginários sociais, não deixando vias de escapes para pensar a história e cultura das comunidades negras pela perspectiva dos processos de insurgências, revoltas, embates e luta pela dignidade.

Neste caminho, realizamos a exposição itinerante “Pessoas negras brasileiras que você precisa conhecer!” que até o momento foi sediada por três instituições de ensino no município, a Universidade Federal Fluminense onde ocorreu a sua inauguração em novembro de 2025 e contou com a presença de uma liderança negra da cidade, Zezé Serafim, conhecida por seu trabalho pela defesa dos direitos das mulheres. O evento teve duração de um mês no espaço da universidade, sendo removido no final do mês de dezembro.

No ano de 2026, no mês de abril, a exposição foi levada para a Escola Técnica Estadual João Barcelos Martins (ETE JBM) da Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) onde foi mantida por uma semana. Como parte da programação da exposição, a professora Luane Bento dos Santos proferiu a palestra “A questão racial no Brasil:

avanços e desafios” no auditório da unidade para os estudantes e professores.

Figura 9. Exposição na Escola Técnica Estadual João Barcelos Martins (ETE JBM/FAETEC)



Fonte: Acervo pessoal da bolsista, 2026

Figura 10. Palestra “A questão racial no Brasil: avanços e desafios” ministrada pela professora Luane Bento dos Santos para estudantes da Escola Técnica Estadual João Barcelos Martins (ETE JBM)/FAETEC



Fonte: Acervo pessoal da bolsista, 2026

Na ocasião, a docente abordou as estratégias de enfrentamento ao racismo em suas diversas dimensões, tais como: racismo religioso, racismo institucional no ambiente escolar dentre outras. Junto com a exposição e a palestra também levamos parte do acervo pessoal de livros infantojuvenis da professora Luane Bento. O acervo é composto por obras voltadas à temática racial, às religiões de matriz afro-brasileira e à valorização da estética negra, ampliando as possibilidades de reflexão e aprendizagem dos participantes.

Neste ano, a terceira instituição escolar a receber a exposição foi a Escola Municipal Professora Wilmar Cava Barros, localizada no bairro do Jockey e na qual mantemos outras atividades dos projetos coordenados pela docente Luane Bento dos Santos. Projetos que estão em vigor na instituição desde 2025 e têm como proposta efetivar a legislação 10.639/2003, valorizando a cultura afro-brasileira, a estética negra, os diversos saberes, fazeres e conhecimentos legados pelos povos africanos e afro-brasileiros. Pudemos observar que na instituição mencionada a realização da exposição contribuiu ainda mais no fortalecimento das ações pedagógicas já existentes, ampliando o diálogo sobre igualdade racial, diversidade e valorização da cultura afro-brasileira no contexto escolar.

Por fim, é importante dizermos que algumas instituições de ensino de outros municípios apresentaram interesse em receber a exposição, mas devido a alguns desencontros de agenda tanto da instituição que receberia a exposição quanto da orientadora do projeto, da bolsista e dos voluntários, o que impediu a recepção do projeto nessas instituições no primeiro semestre deste ano. As negociações se mantêm para a recepção do projeto nessas instituições no segundo semestre do ano de 2026.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de um acervo digital com as trajetórias educacionais, sociais, culturais e políticas de indivíduos atuantes no movimento negro da cidade é fundamental para compreender quais são os fatores que possibilitaram que uma gama de pessoas passassem a organizar movimentos sociais de caráter racial, bem como compreender as dinâmicas das relações raciais no território campista, além de colaborar para a preservação do movimento negro da cidade e promover a conscientização da comunidade local sobre a importância deles. O município é marcado por uma forte herança cultural negro-africano, no entanto este tem sido palco

de diversas lutas em busca de igualdade e justiça social, e compreender as trajetórias de vida das lideranças negras nos ajuda a compreender a dinâmica das relações raciais brasileiras, assim como a história recente.

O município de Campos dos Goytacazes possui 500 mil habitantes e deste total 50% se autodeclararam negros, conforme os dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania de 2021, o município também possui sete quilombos certificados pelo Estado e outras comunidades tradicionais e por todo este contexto local, descrever, mapear, investigar e destacar os caminhos que os indivíduos pertencentes as organizações negras tomaram ao longo da sua trajetória de vida na busca pela superação do racismo e da discriminação racial, assim como na luta pela garantia e exigência de ampliação dos direitos humanos e da cidadania é um estudo de caráter emergencial. Neste sentido, a pesquisa contribui para os campos do pensamento social brasileiro, história social e política, sociologia política, teoria dos movimentos sociais e relações raciais.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. **História do movimento negro no Brasil**: Constituição de acervo de entrevistas de história oral. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. 15f.

BRASIL. Parecer 3/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. Repensando o ativismo de mulheres negras. In: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Movimento ou movimentos negros. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **O lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022, p. 25-27.

LAGE, Lana Lage; SILVA, Leonardo Vieira; NASCIMENTO, Diego Henrique; ALMEIDA, Yann; PAULA, Belmont. Projeto As Religiões Afro-brasileiras em Campos dos Goytacazes: preservar, dar visibilidade e combater a discriminação. **Revista de**

Extensão UENF, v. 2, n.2, 2015, p. 103-115.

LIMA, Lana Lage da Gama; MOLINA, Bernardo Berbert; SILVA, Leonardo Vieira. Racismo e discriminação religiosa em Campos dos Goytacazes: as dificuldades na aplicação da Lei Caó. **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**, nº 01, jl./dez., 2013, p. 33-47.

LIMA, Ivan Costa. Uma proposta pedagógica do movimento negro no Brasil: pedagogia interétnica uma ação de combate ao racismo. In: OLIVEIRA, I. et al. **Escola, identidades, cultura e políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa/ANPED, 2005, p.40-52.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas; BAPTISTA, Rachel Fontes. Reflexões sobre o racismo em Campos dos Goytacazes: um olhar existencialista sobre a descolonização. **Revista de Psicologia**, v.10, no 1, p. 105-112. 2019.

PEREIRA, Amilcar Araújo. Movimento negro no Brasil Republicano. In: OLIVEIRA, Iolanda (Org.). **Cadernos Penesb**. Rio de Janeiro, n. 12, 2013, p. 145-1555.

PEREIRA, Amilcar Araújo. O mundo negro; as relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. In: **“O mundo negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História.

SANTOS, Luane Bento dos; CRUZ, Ana Luiza; SOARES, Caio. Gabriel. Alves; ALVES, Clarice. Chagas Gomes; SOUSA, Douglas Costa de; CALDEIRA, Diogo de Jesus; FERREIRA, Helena Conceição Silva; CRUZ, Kethellen Sousa; JESUS, Manuel Almeida; BARRETO, Théo Gregório. **Pessoas Negras Brasileiras Que Você Precisa Conhecer!**. 1. ed. Campos dos Goytacazes: Edição dos Autores, 2025. v. 1. 50p . Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/399089163_Catalogo_da_exposicao_'Pessoas_negras_brasileiras_que_voce_precisa_conhecer'. Acesso em: 29/07/2026.

SILVA, Luciane Soares da. “Por que seria eu?” O caso Cássio: racismo e discriminação em Campos dos Goytacazes. **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**, n. 1, jul. /dez., p. 64- 76, 2013.

STHELL, Fernanda Gonçalves; SILVA, Luciane Soares da. Racismo é crime: Um recorte das relações resultantes da criminalização do racismo na cidade de Campos dos Goytacazes. **VI Anais do Congresso de Ensino e Extensão/CONEP: educação, ciência e tecnologia e desenvolvimento**, Instituto Federal Fluminense, Guarus, Campos dos Goytacazes, 2019.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.